

APÊNDICES

1.^a Sessão díade A

PSY chega 20 minutos atrasada à sessão

A: Desta vez a sessão é muito perto (a sorrir e com humor)...portanto é a primeira vez que temos bissemanal

PSY: Ah...agora, é demasiado perto...não me diga que quer voltar ao semanal? (com humor)

A: Nem pensar! (perentoriamente e a rir)

PSY: Estava a brincar consigo

A: Das outras vezes era muito tempo, agora foi rápido

PSY: Não temos alternativa: ou semanal ou bissemanal, não há meia medida.

A: Pois é! Olhe, ontem estive a pensar nisto de ser meia fóbica...

PSY: (Comentário PSY: eu fiquei muito espantada por eu estar ali perto dela) Ah...e o que pensou?

A: Pensei no casamento e, se por um lado, gostava muito de casar, é um sonho que sempre tive. Por outro lado, começo a pensar, e quanto mais penso, fico aflita, sufocada, ai (suspira). Imagino, e nem consigo respirar bem!

PSY: então...O que imagina?

A: Começo a imaginar dar-me com a família dele, ter de fazer coisas, ir a almoços de família, quando não me apetece. Era mais gente na minha vida, a quem dar satisfações. Ia sentir-me invadida por muita gente. Ter de ir a jantares quando estou cansada. Dar explicações da minha vida.

PSY: Deixar de ser tudo à sua maneira.

A: Pois! E depois deve cair tudo numa obrigação... Ai não sei! Isto das relações é muito complicado! Como é que as pessoas fazem para estar juntas muitos anos? (Olha para a PSY). Não percebo como é que as pessoas se entendem. Pensei em dizer à minha mãe que estávamos de novo juntos (ela e o namorado), mas ela fica logo com muitas expectativas e...não sei...parece que depois as coisas perdem a piada e começa tudo a ser muito sério e monótono

PSY: A ideia de casamento tira-lhe o entusiasmo...

A: Sim. Olhe, no outro dia íamos sair e eu vesti um vestido novo, como era muito justo não consegui tirar a etiqueta e pedi ao Carlos para o fazer, e ele...Ai, irritou-me tanto!! Fiquei furiosa! Acabámos por discutir. Olhe, ele pediu-me licença? Mas não somos amigos, nem é

meu pai ou irmão, é meu namorado! Então precisa pedir licença! Licença, licença ... Olhe, fiquei logo chateada e sem vontade! Então, se eu estivesse a seduzi-lo? Fiquei logo sem vontade de estar com ele!

PSY: Cortou-me as pernas...cortou-lhe as pernas...e o desejo.

A: Claro! Depois disse-lhe que não gostava que ele disse-se essas coisas, chateei-me e disse-lhe muitas coisas. Bem, talvez tenha exagerado... Mas pedi-lhe desculpa e ficámos bem (suspiro). Essa da licença, licença, licença! Mas também lhe disse: como podia querer ir para a cama com ele, se me pede licença! Eu antes quando começámos a namorar gostava muito das boas maneiras dele, agora, nalgumas coisas acho exagerado. Não gosto. Ele não percebe! Fica magoado e chateado. Não entende...Foi como na discoteca quando queria dançar com ele mais sensual, ele não quer, não gosta. O que se vai fazer? Foi o mesmo com a brincadeira do bolso... Fico desiludida e triste, gostava que ele...entende-se?!...

PSY: Estas situações deixam-na muito frustrada. A está numa fase em que quer descobrir-se e experimentar-se como mulher, e escolheu fazê-lo com ele. Mas é como se, quando consegue assumir os seus desejos e ser ativa na sua procura de prazer, sente que ele lhe põe um travão... como quando o seu avô não a deixava falar com rapazes

A: Aí, pois é, ele (o avô) proibia tudo: não podíamos ver novelas, nem filmes, quando havia com cenas...começa desde o início... se havia beijos, ele mandava logo apagar a televisão! Depois estudei com freiras, e agora, o Carlos é demasiado direitinho! (encolhe ombros)...No outro dia, disse-lhe que ia passar a ter duas sessões por semana, ele não percebe para quê, perguntou-me até quando, e eu disse-lhe até que for necessário. Expliquei-lhe que me fazia bem, que me sentia melhor, uns fazem acupuntura ou yoga, eu faço terapia. Ele diz que eu agora tenho a mania que percebo muito de psicologia; bem, eu tento passar-lhe o que aprendo aqui, mas ele não quer saber. Gostava que ele também fizesse terapia...talvez me entendesse melhor

PSY: Ele deve sentir-se desvalorizado...E talvez assustado com as suas mudanças

A: Eu até percebo...se calhar, eu também ficava assustada. Mas, olhe eu meto-me no lugar dele, coisa que ele não faz! No outro dia ele estava com os amigos e esqueceu-se de me ligar e eu fiz questão de lhe telefonar...por causa de uma situação anterior em que tinha estado com as minhas amigas e não atendi o telefone, e ele colocou muito isto no não gostas de mim, não queres saber de mim...ele coloca muito isto assim! No outro dia o Luís enviou-me uma mensagem para tomarmos café. Nunca mais o vi, trocámos umas mensagens, nada de mais. Agora íamos combinar um café com mais gente, ele disse que me ligava e eu fiquei ansiosa. Mesmo muito!

PSY: Porque é que acha que ficou tão ansiosa?

A: Com medo de falar com ele, sei lá, de ficar confusa. De voltar a sentir coisas por ele. Depois desabafei com a Ana e fez-me bem. Ela disse que era normal.

PSY: Como se ele tivesse o poder de lhe fazer sentir coisas que não controla...

A: Pois, mas depois falei com ele e não foi nada de mais, não senti nada de especial. Acho que às vezes é mais da minha cabeça. Recalco tanto, tanto, que depois não faço nada

PSY: Acha que devia ter feito mais com o Luís?

A: Talvez. Não sei. Agora não adianta. Também eu penso muito e depois complico tudo. Também nunca tive amigos rapazes e em pequena tinha medo deles.

PSY: Hoje a A. começou a falar do seu lado fóbico, e parecia fóbica da terapeuta, até me disse que estava muito perto, ao género: “chegue-se para lá...xó xó já está muito perto!” Até ajustei a cadeira, como deve ter reparado...(com humor)... É como se precisasse de uma certa distância de segurança em relação aos outros, como se tivesse medo de, se estiver muito perto dos outros, se descontrolar ou se desorganizar

A: Talvez (baixa olhos).

PSY: Na sessão anterior estava muito contente e expetante com o bissemanal de fato estava muito entusiasmada ...notei que estava muito contente, assim como nas férias disse-me que tinha passado melhor

A: Sabe, também estou muito preocupada com a minha irmã, ela não está muito bem, aquela miúda com quem ela trabalha, lembra-se? Roubou-lhe um anel. Ela não sabe o que fazer, ligou-me há pouco. Não sei o que lhe dizer, as crianças fazem isto? Em pequena, uma vez, também tirei...(corou) Disse à minha irmã para falar com a miúda...

PSY: E o que tirou?

A: Uma amiga minha tinha uns sapatos muito bonitos, eu adorava aqueles sapatos, então um dia roubei-os! Depois a minha mãe ralhou-me e devolveu-os. Também com uma prima eu achava que os sapatos dela eram meus... Mas era muito pequena, acho que nem andava na escola. Nem sei como fui eu capaz de fazer uma coisa destas (Comentário da PSY: Fiquei a pensar nisto...e lembrei logo de uma cena de um filme, neste novo tema ou neste desvio no final da sessão...Lembrei-me de sapatos vermelhos de salto alto clássicos de senhora, e de uma personagem de um filme que os colecionava como um *fetich*)

PSY: Você gosta de sapatos?

A: Por acaso gosto muito! (Espantada)

PSY: Andamos à volta do proibido e do permitido, roubar ou pedir licença bem...Continuamos na próxima sessão

Tabela 1. Contratransferência no Caso A Sessão nº1

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registo
Contratransferência	Modo de Expressão	Pensamentos	Racionalização defensiva Sessão de supervisão “E realmente para mim há uma dificuldade de horário, eu tenho de ir muito cedo para lá” Preocupação Sessão terapêutica “Talvez assustado com as suas mudanças” Rememoração em associação livre Sessão de supervisão “Lembrei logo de uma cena de um filme, neste novo tema ou neste desvio no final da sessão... Lembrei-me de sapatos vermelhos de salto alto clássicos de senhora, e de uma personagem de um filme que os colecionava como um <i>fetichê</i> ”
		Ações	Acting-out factual Atraso de vinte minutos na chegada da PSY à sessão (que se segue à alteração do <i>setting</i>). Inibição da ação “Acho que aqui devia ter perguntado porque acha que ficava assustado... mas ela também continuou... pronto”. Acting-out verbal (coloquial) PSY retorque, em tom coloquial “Uma namorada” à injunção de A. “Talvez o melhor era viver com uma mulher, assim não vivia sozinha, mas tinha a minha liberdade”
	Tipo	Materna Edipiana	“Andamos à volta do proibido e do permitido, roubar ou pedir licença a(...)”
		Amorosa	“Eu fiquei muito espantada por eu estar ali perto dela” NB: em comentário referente ao “ajustamento” físico do <i>setting</i> em início de sessão “(...) pronto e entretanto ela veio a querer vir bissemanal e eu fiquei contente” (em reflexão partilhada no grupo)
	Configuração	Explícita e referida à relação terapêutica	“Ah... agora, é demasiado perto... não me diga que quer voltar ao semanal?”
		Implícita e referida à relação terapêutica	“Acho que aqui devia ter perguntado porque acha que ficava assustada... mas ela também continuou... pronto!” “Andamos à volta do proibido e do permitido, roubar ou pedir licença bem... Continuamos na próxima sexta-feira”
	Polaridade	Positiva	Convivial “eu estou contente” “estava a brincar consigo”
	Contexto	Identificação da paciente à função terapêutica da PSY	“Ele diz que eu agora tenho a mania que percebo muito de psicologia; bem, eu tento passar-lhe o que aprendo aqui, mas ele não quer saber”
		Associação livre sobre rememoração da paciente	“Uma amiga minha tinha uns sapatos muito bonitos, eu adorava aqueles sapatos, então um dia roubei-os! Depois a minha mãe ralhou-me e devolvei-os. Também com uma prima eu achava que os sapatos dela eram meus”
		Ansiedade Claustrofóbica	“Ah... agora como é que te vou encaixar a bissemanal? Em reflexão partilhada no grupo a esta comunicação do paciente, ou “ah agora, é demasiado perto...”, ou, ainda, “(...) dei por mim a afastar o sofá pois pareceu-me estar demasiado perto do sofá de Alice. Estaria também a acomodar-me à distância ideal, também física, entre nós... como se ela me fizesse sentir intrusiva”, em reflexão partilhada em grupo de supervisão.
		Inibição da Ação	“Acho que aqui devia ter perguntado porque acha que ficava assustada... mas ela também continuou... pronto”
		Conclusão apressada da sessão	“(...) continuamos na próxima sexta-feira”
		Afirmação Identificação concordante à psicanalista	“Eu até percebo... se calhar, eu também ficava assustada” -
		Ansiedade Claustrofóbica	“Desta vez a sessão é muito perto” ou “estive a pensar nisto de ser meia fóbica”
Estranheza	“Por acaso gosto muito! (espantada)” em resposta à pergunta da psicoterapeuta “você gosta de sapatos?”		

Tabela 2. Transferência no Caso A Sessão nº1

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registo
Transferência	Modo de Expressão	Pensamentos	Preocupação “Olhe, ontem estive a pensar nisto de ser meia fóbica”
	Tipo	Amorosa	“Pensei no casamento e, se por um lado, gostava muito de casar, é um sonho que sempre tive. Por outro lado, começo a pensar, e quanto mais penso, fico aflita, sufocada”
	Configuração	Implícita e referida à relação terapêutica	“Ai não sei! Isto das relações é muito complicado! Como é que as pessoas fazem para estar juntas muitos anos? (Olha para a terapeuta)”
	Polaridade	Positiva	Convivial “Desta vez a sessão é muito perto (a sorrir e com humor)...”
	Contexto	Alteração do <i>setting</i>	Frequência das sessões
	Efeito no psicoterapeuta	Estranheza	“eu fiquei muito espantada por eu estar ali perto dela” em reflexão partilhada no Grupo a este comentário da paciente
	Efeito na paciente	Ansiedade claustrofóbica	“Desta vez a sessão é muito perto” ou “por outro lado, começo a pensar, e quanto mais penso, fico aflita, sufocada(...)nem consigo respirar bem!”

Tabela 3. Interpretação da Transferência no Caso A Sessão nº1

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registo
Interpretação Transferencial	Tipo	Parcial	“Hoje a A começou a falar do seu lado fóbico, e parecia fóbica da terapeuta(...)”
	Natureza	Compreensiva	“É como se precisasse de uma certa distância de segurança em relação aos outros, como se tivesse medo de, se estiver muito perto dos outros, se descontrolar ou se desorganizar”
	Objetivo	Manutenção do <i>“setting”</i>	“(...)e parecia fóbica da terapeuta, até me disse que estava muito perto, ao género: “chegue-se para lá...xó xó já está muito perto!” Até ajustei a cadeira, como deve ter reparado...”
	Configuração	Implícita e referida à relação transferencial	“até me disse que estava muito perto, ao género: “chegue-se para lá...xó xó já está muito perto!” Até ajustei a cadeira, como deve ter reparado...”
	Impacto na paciente	Dúvida	“Talvez (baixa olhos)”

2.^a Sessão díade A

A: Sempre fomos de fim de semana e correu muito bem (Comentário PSY: diz com satisfação). Ainda bem que fomos. Depois de decidir aqui que queria ir, liguei-lhe várias vezes, falei com ele, ele ficou surpreendido, mas aceitou. No final agradeceu-me

PSY: Tomou uma boa decisão.

A: Com a sua ajuda. O sítio era muito bonito. Nunca tínhamos feito turismo rural, foi muito giro. A casa era antiga, estivemos com os donos. É diferente dos hotéis, aí, não se convive com ninguém. Gostei muito. Senti-me descontraída, estávamos os dois a descobrir as coisas, os sítios. Reparei que, por não trabalhar há dois fins de semana estava mais descontraída... A todos os níveis, até na vontade sexual. Apeteceu-me mais, estava mais disponível.

PSY: Correu melhor?

A: Sim, senti-me melhor, gostei mais. (Silêncio) Mas, sabe, acho que devíamos ter falado do que aconteceu. De ele ter ficado tão zangado e de não ter falado comigo. Mas ele não quis. Disse-me que não queria falar disso. Então, quando vivermos juntos como vai ser? Também vai sair porta fora? Mas não fiquei zangada, depois esqueci e descontraí. Aos poucos fomos ficando melhor, mais bem-dispostos. Ele agradeceu-me, por eu ter trocado o dia de trabalho. Às vezes irrita-me. Irrita-me! (suspiro) Diz uma coisa e depois faz outra!... Às vezes irrita-me o silêncio... É assim, depois diz que se esquece. É muito teimoso! (Silêncio) O fim de semana com o Carlos correu muito bem, mas ontem apeteceu-me falar com o Luís (cora e sorri), falámos muito tempo.

PSY: Associa a sua vontade de falar com o Luís quando está bem com o Carlos?

A: Não sei... Quando me chateio com o Carlos começo logo a sonhar com o Luís

PSY: Sentia-se desamparada.

A: Agora estou bem, feliz com o Carlos, mas apetece-me estar com o Luís

PSY: Ocorreu-me poder ficar com medo de ser controlada pelo Carlos, por se sentir bem com ele e, então, procurar o Luís como “escape”...

A: Pois, quando estamos bem tenho medo de “sufocar”

PSY: Também estamos a falar de sexualidade...Do que me dizia na última sessão que acabou por “controlar”, mas talvez quisesse de outra maneira...

A: Mas, sabe, não consigo sequer pensar em dizer-lhe isso...Se lhe disser acho que ele vai gostar menos de mim.

PSY: Teme que ele se interesse menos por si como mulher se souber que namora?

A: Ele já não se sente tão atraído por mim. Estas coisas sentem-se. Gostamos de falar um com o outro, de estar juntos. Às vezes, quando durmo com o Carlos, tenho medo de falar e dizer o nome do Luís (com humor e a rir). Acho que até durmo pior por isso. Parece que preciso dos dois. O Carlos é a estabilidade, a cumplicidade, o amor, o estar juntos. O Luís é mais o sonho, a aventura, a ambição. Com o Luís aprendo sempre algo novo. Eu gosto muito de o ouvir. Ele também diz que aprende comigo. Ele é mais descontraído, faz o que lhe apetece, mais espontâneo. O Carlos é mais “quadrado”, fica chocado com as separações e traições.

PSY: Você também era assim, até se sentir atraída pelo Luís e começar a pôr tudo em causa.

A: Pois era, mas agora já não sou. As pessoas criticam muito quando alguém se separa ou procura outra pessoa...Eu não. Acho que as pessoas devem lutar para ser felizes, mas não é fácil. Por exemplo, eu estou a tentar, faço estas sessões, no início não gostava, agora posso ter dificuldades, e até estar triste, mas sinto-me melhor, mais tranquila, mais mulher. Comigo e os homens é tudo tão complicado... Talvez o melhor era viver com uma mulher, assim não vivia sozinha, mas tinha a minha liberdade

PSY: (em tom coloquial) Uma namorada

A: Bem, não era bem uma namorada (ri-se). Mais como aquelas irmãs que vivem juntas a vida toda, não casam, não têm filhos, sabe?

PSY: As “tias”?

A: Sim. (risos)

PSY: Essas não se interessam por homens, você interessa-se, até gosta de dois.

A: Pois é! Gostava de poder ter os dois (com humor).

PSY: De certa forma tem. Desta maneira não perde um, nem o outro...Gostava de ter intimidade sexual com o Luís?

A: Gostava. (Comentário PSY: Cora, baixa os olhos e sorri)

PSY: Imagina que com o Luís teria mais prazer sexual.

A: Talvez devesse ter experimentado... Gostava muito de viver com o Carlos, mas às vezes começo a sentir-me sem ar, pensar em casar é pensar ficarmos para sempre juntos, e não experimento mais nada. Devia ter começado mais tarde a namorar

PSY: Os desejos de uma menina de 20 são diferentes de uma mulher de quase 30...

A: Ah, quer dizer que aos trinta se pensa em outros homens? (com humor)

PSY: Costuma-se dizer que é aos quarenta...(com humor). Aos vinte você queria estar só com o seu namorado, agora sente-se diferente, e está a questionar as coisas, são fases diferentes

A: É tão complicado... Também acho que trair a confiança de alguém, seja quem for, é muito grave... Faz-me bem falar destas coisas consigo, fico menos aflita. Quando só as penso, metem mais medo

Final da sessão

Tabela 4. Contratransferência no Caso A Sessão nº2

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registo
Contratransferência	Modo de Expressão	Pensamentos	Reflexão em sessão de supervisão <i>"E agora...na altura refleti sobre isto eu...eu não tenho desejo de saber se ela trai ou não trai, eu quero é que a rapariga se resolva, não é?...e que fique melhor. Pronto... mas sei que aqui tive esta dificuldade e ainda por cima como estávamos no jeito coloquial podia-me apanhar mais... porque este jeito coloquial dá azo... por um lado que até brincasse com isto, mas por outro lado..."</i>
		Ações	Acting-out verbal (coloquial) PSY retorque, em tom coloquial <i>"Uma namorada"</i> à injunção de A. <i>"Talvez o melhor era viver com uma mulher, assim não vivia sozinha, mas tinha a minha liberdade"</i> <i>"Essas não se interessam por homens, você interessa-se, até gosta de dois"</i> <i>"Bem, não era bem uma namorada. Mais como aquelas irmãs que vivem juntas a vida toda, não casam, não têm filhos, sabe?"</i>
	Tipo	Homossexual regressivo	A PSY responde <i>"De certa forma tem. Desta maneira não perde um, nem o outro"</i> em tom coloquial ao comentário (jocosos) de A <i>"Pois é! Gostava de poder ter os dois"</i>
	Configuração	Implícita e referida à relação terapêutica	Comentário da PSY em final de sessão <i>"Costuma-se dizer que é aos quarenta(...) A os vinte você queria estar só com o seu namorado, agora sente-se diferente, e está a questionar as coisas, são fases diferentes..."</i> em resposta coloquial à pergunta (jocosa) de A <i>"Ah, quer dizer que aos trinta se pensa em outros homens?"</i>
	Polaridade	Negativa	Sentimento de frustração Reflexão da PSY em sessão de supervisão <i>"Aqui a dificuldade desta sessão foi um bocado isto, porque o que eu senti é que ela queria que eu tomasse uma posição"</i>
	Contexto	"Enactment" homossexual regressivo com a paciente	Indagação da PSY na sessão terapêutica <i>"Gostava de ter intimidade sexual com o Luís?"</i> a que A responde <i>"Gostava"</i> , e a PSY mantém o registo coloquial ao perguntar a A <i>"Imagina que com o Luís teria mais prazer sexual?"</i>
	Efeito na paciente	Reforço empático da PSY	<i>"(...)Faz-me bem falar destas coisas consigo, fico menos aflita. Quando só as penso, metem mais medo"</i>

Tabela 5. Transferência no Caso A Sessão nº2

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registro
Transferência	Modo de Expressão	Pensamentos	<p>Clivagem e repressão da parte adulta do Self em “enactment” com a PSY</p> <p>Sessão terapêutica</p> <p><i>“(…)Parece que preciso dos dois. O Carlos é a estabilidade, a cumplicidade, o amor, o estar juntos...O Luís é mais o sonho, a aventura, a ambição. Com o Luís aprendo sempre algo novo, ele fala dos pacientes. Eu gosto muito de o ouvir. Ele também diz que aprende comigo. Ele é mais descontraído, faz o que lhe apetece (...)”</i></p> <p><i>“Acho que as pessoas devem lutar para ser felizes, mas não é fácil. Por exemplo, eu estou a tentar, faço estas sessões, no início não gostava, agora posso ter dificuldades, e até estar triste, mas sinto-me melhor, mais tranquila, mais mulher”</i></p>
	Tipo	Homossexual estruturante	<p>Sessão terapêutica</p> <p><i>“Talvez o melhor era viver com uma mulher, assim não vivia sozinha, mas tinha a minha liberdade”</i></p>
	Configuração	Implícita e referida à relação terapêutica	<p><i>“Não. Se lhe disser acho que ele vai gostar menos de mim” (referindo-se à possibilidade do Carlos/ da PSY “Carlos” tomar conhecimento do “devaneio” amoroso com o lado infantil/ PSY “Luís” coloquial da sua mente)</i></p> <p><i>“Talvez o melhor era viver com uma mulher, assim não vivia sozinha, mas tinha a minha liberdade”</i></p>
	Polaridade	Positiva	<p><i>“Por exemplo, eu estou a tentar, faço estas sessões, no início não gostava, agora posso ter dificuldades, e até estar triste, mas sinto-me melhor, mais tranquila, mais mulher”</i></p>
	Contexto	“Enactment” homossexual adolescente com a PSY	<p>À injunção indagatória da PSY “Gostava de ter intimidade sexual com o Luís?” A responde “Gostava” e à “réplica” da PSY “Imagina que com o Luís teria mais prazer sexual?” A responde em tom coloquial “Sim, talvez, devia ter experimentado...”</p>
	Efeito na PSY	“Enactment” adolescente com o lado regressivo da mente da paciente	<p>Comentário da PSY em sessão de supervisão</p> <p><i>“Isto é giríssimo...ela cada vez que se chateia com o namorado...aconteceu portanto, na semana anterior a esta sessão, tem sonhos com o outro(…)”</i></p> <p>E, mais adiante, um outro comentário da PSY na mesma sessão de supervisão</p> <p><i>“Aqui a dificuldade desta sessão foi um bocado isto, porque o que eu senti é que ela queria que eu tomasse uma posição”</i></p>

Sessão Clínica díade J

J: Não me tenho sentido nada bem...não sei por onde começar...tem sido muito difícil... parece que passou muito tempo desde que aqui vim ... é como se tivesse tudo espalhado pelo chão. Não sei o que sinto e nem tenho pensado em nada... Desliguei-me de mim...Sinto-me mal, uma coisa aqui (aponta para o peito). Não me sinto bem em lado nenhum... (Comentário da PSY: J. queixa-se demoradamente sobre o seu estado e a falta das sessões. Sinto a sua angústia e a dor da separação)

PSY: Sentiu falta deste espaço, sentiu falta da analista que a tem ajudado a sentir e a pensar sobre o que se passa consigo. Sentiu-se só. Como se na ausência tudo ficasse espalhado, sem lugar

(silêncio)

J.: O meu avô está muito pior... Fez a punção lombar outra vez mas não resultou em nada. Já nem consegue andar... Está sempre de olhos fechados, mesmo quando está levantado... Já nem me aperta a mão... Já não o encontro para além da doença, isso custa muito... Eu dizia que a minha mãe e a minha avó não lidavam bem com a situação mas acho que agora sou eu que não consigo lidar. Tenho estado lá com elas quase sempre. São precisas duas pessoas para cuidar dele. A minha mãe está a trabalhar e eu fico a ajudar a minha avó, se não ele tem que ficar acamado até à hora de almoço. É horrível...A parte da alimentação é uma tortura, são horas para fazê-lo comer... Fico zangada com o meu pai que diz que a culpa é nossa, que devíamos tê-lo obrigado a movimentar-se enquanto ele podia. Não lhe admito acusar-nos disso.

PSY: É uma situação muito difícil para todos. Lidar com a doença desperta sentimentos de impotência, raiva e culpabilidade

J.: Sim, é estranho...mesmo com a minha mãe, ela passa o dia fora, sou eu e a minha avó que tratamos do meu avô, quando ela chega e quer ser ela a dar-lhe de comer e a ajudar, eu não deixo, digo-lhe “chega-te para lá, tu não estiveste aqui por isso agora não venhas”, como se estivesse zangada

PSY: Como aqui comigo ao desmarcar a sessão anterior. Estava zangada por eu não ter estado. Mesmo sentindo que é pesado o que tem passado e que precisa deste espaço, fica zangada e não me deixa ajudar

(silêncio)

J: Não quero nada que seja Natal, por mim não se fazia nada. Se já nós as três era difícil preparar tudo, quanto mais a tratar do meu avô... À noite não consigo dormir bem lá, custa-me a adormecer e fico muito nervosa, uma sensação de aperto.

PSY: Tem medo da morte. E fica sozinha a lidar com esse medo

J.: Sim, de manhã acordo e vou logo vê-lo...

(silêncio)

J: Não tenho conseguido vir para minha casa. Todos os dias pensava em vir mas depois não conseguia. Mas tinha que arranjar uma desculpa dentro de mim para ficar, ou porque estava nevoeiro, ou porque já era tarde. Nunca pôde ser só porque eu queria. Sempre a dizer para mim, amanhã vou. É confuso, sinto-me dividida. Dentro de mim arranjo estas regras e decisões para me convencer que não sou dependente, determino o que tenho que fazer. Estou sempre nesta luta. Não quero ser dependente, mas sou... Quando me despedi da minha avó desatei a chorar, abraçada a ela. Fiquei admirada porque eu nunca choro à frente dela, desta vez chorei

Final da sessão

Tabela 6. Contratransferência no Caso J

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registro
Contratransferência	Modo de Expressão	Pensamentos	<p>Fantasia (prévia ao início da sessão)</p> <p>A PSY comenta em sessão de supervisão que recebeu um SMS de J justificando a desmarcação de sessão anterior com o seguinte texto “<i>Doutora, peço desculpa mas infelizmente não vou poder estar presente amanhã</i>” tendo feito, a partir da interpretação do conteúdo deste SMS, a fantasia da morte do avô de J</p> <p>Exercício metafórico reflexivo</p> <p>Sessão de supervisão (SS)</p> <p><i>“à medida que a ouço a descrever a doença do avô penso na anorexia de J., nos seus sintomas alimentares, na sua notória deterioração física e no fantasma da debilitação incapacitante e mesmo de morte a ela associados...”</i></p>
	Tipo	Contraidentificação concordante ao ego da paciente	<p>Sessão terapêutica (ST)</p> <p><i>“É uma situação muito difícil para todos. Lidar com a doença desperta sentimentos de impotência, raiva e culpabilidade”</i></p>
	Configuração	Explícita e não referida à relação terapêutica	<p><i>“É uma situação muito difícil para todos(...)”</i></p>
	Polaridade	Negativa	<p>Racionalização defensiva</p> <p><i>“(...)Lidar com a doença desperta sentimentos de impotência, raiva e culpabilidade”</i> (em reação à injunção culpabilizante do pai referida por J em sessão)</p>
	Contexto	Alteração do <i>setting</i>	<p>desmarcação de sessão pela PSY</p>
	Efeito na PSY	Culpabilização	<p><i>“À medida que a ouço a descrever a doença do avô penso na anorexia de J., nos seus sintomas alimentares, na sua notória deterioração física e no fantasma da debilitação incapacitante e mesmo de morte”</i></p>
	Efeito na paciente	Indução de transferência negativa	<p><i>“mesmo com a minha mãe, ela passa o dia fora, sou eu e a minha avó que tratamos do meu avô, quando ela chega e quer ser ela a dar-lhe de comer e a ajudar, eu não deixo, digo-lhe “chega-te para lá, tu não estiveste aqui por isso agora não venhas”</i></p>

Tabela 7. Transferência no Caso J (início da sessão)

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registro
<p>Transferência Início da sessão</p>	<p>Modo de Expressão</p>	<p>Sentimentos</p>	<p>Ansiedade psicossomática de desintegração <i>“Não me tenho sentido nada bem... não sei por onde começar (...) é como se tivesse tudo espalhado pelo chão. Não sei o que sinto e nem tenho pensado em nada... Desliguei-me de mim...Sinto-me mal, uma coisa aqui (aponta para o peito). Não me sinto bem em lado nenhum”</i></p>
		<p>Pensamentos</p>	<p>Fatual-operatório <i>“Tem sido muito difícil... parece que passou muito tempo desde que aqui vim(...)</i></p>
	<p>Tipo</p>	<p>Materna primária</p>	<p>Sentimento de desamparo <i>“Tem sido muito difícil... parece que passou muito tempo desde que aqui vim(..)Sinto-me mal, uma coisa aqui (aponta para o peito). Não me sinto bem em lado nenhum”</i></p>
	<p>Configuração</p>	<p>Explícita e referida à relação terapêutica</p>	<p><i>“(...)parece que passou muito tempo desde que aqui vim(...)”</i></p>
	<p>Polaridade</p>	<p>Negativa</p>	<p>Culpabilização da PSY <i>“Não me tenho sentido nada bem... não sei por onde começar... tem sido muito difícil...”</i> Ataque ao vínculo <i>“(...)Não sei o que sinto e nem tenho pensado em nada... Desliguei-me de mim”</i></p>
	<p>Contexto</p>	<p>Alteração do setting</p>	<p>desmarcação de sessão pela PSY</p>
	<p>Efeito na PSY</p>	<p>Contenção sensível e elaboração reflexiva</p>	<p>Comentário reflexivo da PSY em sessão de supervisão <i>“J. queixa-se demoradamente sobre o seu estado e a falta das sessões. Sinto a sua angústia e a dor da separação”</i></p>

Tabela 8. Transferência no Caso J (meio da sessão)

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registro
<p>Transferência meio da sessão</p>	<p>Modo de Expressão</p>	<p>Ações</p>	<p>Agir comportamental reativo <i>“mesmo com a minha mãe, ela passa o dia fora(...)quando ela chega e quer ser ela a dar-lhe de comer e a ajudar, eu não deixo”</i></p>
		<p>Agir verbal reativo <i>“mesmo com a minha mãe(...)digo-lhe “chega-te para lá, tu não estiveste aqui por isso agora não venhas”</i></p>	
		<p>Sentimentos <i>“Sim, é estranho(...)como se estivesse zangada”</i> (referindo-se ao comentário da PSY na sessão terapêutica)</p>	
	<p>Tipo</p>	<p>Materna primária</p>	<p>Indignação <i>“mesmo com a minha mãe, ela passa o dia fora(...)quando ela chega e quer ser ela a dar-lhe de comer e a ajudar, eu não deixo”</i></p>
	<p>Configuração</p>	<p>Explícita e não referida à relação terapêutica</p>	<p><i>“digo-lhe “chega-te para lá, tu não estiveste aqui por isso agora não venhas”</i></p>
	<p>Polaridade</p>	<p>Negativa</p>	<p>Ataque ao vínculo <i>“(...)chega-te para lá, tu não estiveste aqui por isso agora não venhas”</i> <i>“(...)quando ela chega e quer ser ela a dar-lhe de comer e a ajudar, eu não deixo”</i></p>
	<p>Contexto</p>	<p>Alteração do <i>setting</i></p>	<p>Falta da PSY por desmarcação da sessão</p>
	<p>Efeito na PSY</p>	<p>Interpretação da transferência</p>	

Tabela 9. Transferência no Caso J (fim da sessão)

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registro
<p>Transferência final da sessão</p>	<p>Modo de Expressão</p>	<p>Ações</p>	<p>Agir comportamental reativo <i>“Não quero nada que seja Natal, por mim não se fazia nada”</i></p>
	<p>Tipo</p>	<p>Materna edipiana</p>	<p><i>“Se já nós as três era difícil preparar tudo, quanto mais a tratar do meu avô...”</i></p>
	<p>Configuração</p>	<p>Explícita e não referida à relação terapêutica</p>	<p><i>“Se já nós as três era difícil preparar tudo, quanto mais a tratar do meu avô...”</i></p>
	<p>Polaridade</p>	<p>Negativa</p>	<p>Ataque ao vínculo <i>“No Natal antes do meu bisavô morrer foi horrível”</i></p>
	<p>Contexto</p>	<p>Interpretação da Transferência confrontativa</p>	<p><i>“Mesmo sentindo que é pesado o que tem passado e que precisa deste espaço, fica zangada e não me deixa ajudar”</i></p>
	<p>Efeito na PSY</p>	<p>Insight sobre o sofrimento da paciente</p>	<p>Em comentário à injunção de J, segundo a qual <i>“No Natal antes do meu bisavô morrer foi horrível”</i> a PSY refere, em sessão de supervisão, que “A morte do bisavô, que habitava com a família, acontece na puberdade de J. e coincide com o início da sintomatologia anoréxica. E ela faz esta associação sempre, que foi a partir daí”)</p>

Tabela 10. Interpretação da transferência caso J (início da sessão)

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registro
Interpretação Transferencial (início da sessão)	Tipo	Parcial	<i>“Sentiu falta deste espaço, sentiu falta da analista que a tem ajudado a sentir e a pensar sobre o que se passa consigo. Sentiu-se só. Como se na ausência tudo ficasse espalhado, sem lugar”</i>
	OBJETIVO	<i>Alívio da angústia de separação “arcaica” da paciente</i>	<i>“(…)Sentiu falta deste espaço(…)Sentiu-se só. Como se na ausência tudo ficasse espalhado, sem lugar....”</i>
	Natureza	Compreensiva	<i>“Sentiu-se só. Como se na ausência tudo ficasse espalhado, sem lugar”</i>
	Configuração	Explícita e referida à relação transferencial	<i>“Sentiu falta deste espaço, sentiu falta da analista que a tem ajudado a sentir e a pensar sobre o que se passa consigo”</i>
	Impacto na paciente	Manutenção do setting psicoterapêutico	

Tabela 11. Interpretação da transferência caso J (fim da sessão)

Tema	Categorias	Subcategorias	Indicadores e Unidades de registro
Interpretação Transferencial fim da sessão	Tipo	Parcial	<i>“Como aqui comigo, terça-feira, ao desmarcar a sessão(…)Mesmo sentindo que é pesado o que tem passado e que precisa deste espaço, fica zangada e não me deixa ajudar”</i>
	OBJETIVO	<i>Promover insight na paciente</i>	<i>“(…) Mesmo sentindo que é pesado o que tem passado e que precisa deste espaço, fica zangada e não me deixa ajudar”</i>
	Natureza	Confrontativa	<i>”Mesmo sentindo que é pesado o que tem passado e que precisa deste espaço, fica zangada e não me deixa ajudar”</i>
	Configuração	Explícita e referida à relação transferencial	<i>“Como aqui comigo, terça-feira, ao desmarcar a sessão. Estava zangada por eu não ter estado”</i>
	Impacto na paciente	Acentuação de transferência negativa	<i>“Não quero nada que seja Natal, por mim não se fazia nada”</i>